



O SUJEITO MIGRANTE, A MULHER E A RUA: UM ESTUDO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE IDENTIDADE E ESPAÇO NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Renata Cristina Sant'Ana (UFJF)¹

Resumo: Este trabalho se ocupa de analisar a representação da relação entre identidade e espaço, e as condições de vida de sujeitos deslocados no romance *Quarenta Dias* de Maria Valéria Rezende. Trata-se das questões relacionadas à condição da mulher na sociedade ocidental somada ao agravante do processo de migração interna, e das consequências desta dinâmica na reconfiguração identitária dos sujeitos deslocados da contemporaneidade e das questões políticas, econômicas, sociais e culturais que subjazem e permeiam a relação sujeito/lugar.

Palavras-chave: literatura contemporânea; identidade; espaço; migração

Maria Valéria Rezende apresenta-se na cena literária como escritora que não se demite das discussões em torno das contradições e conflitos advindos de situações políticas e sociais que geram exclusão e sofrimento. Os discursos produzidos nos interstícios da experiência social pelas personagens de Maria Valéria Rezende revelam o engajamento da escritora na luta pela transformação do estado de exceção em que se encontra uma parcela considerável da população na sociedade brasileira.

O enfoque que pretendo oferecer a minha leitura do romance se baseia na dimensão social e discursiva do texto literário enquanto instrumento não só estético, mas também ético, no sentido de possibilitar encaminhamentos para a compreensão de problemas sociais relacionados aos movimentos migratórios internos e suas consequências na dinâmica das relações entre seres humanos perdidos nos espaços labirínticos das metrópoles brasileiras.

Através da leitura do romance, o leitor estabelece contato, via ficção, com temas emblemáticos de uma realidade social marcada pela desigualdade. De acordo com Tânia Pellegrini (2012), a prosa brasileira contemporânea se edifica sobre os escombros de um projeto modernizante que não se cumpriu, e que é responsável pelos imensos contrastes sociais que explodem, não raras vezes, em conflitos urbanos violentos, alcançando por vezes níveis de barbárie, visto que a parcela miserável, excluída da sociedade de mercado é tratada como rejeito social, descaracterizada em seus atributos humanos, perdendo inclusive o direito a ter direitos, e sendo transformada em “refugos que a própria

¹ Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora.
Contato: recsantana2013@gmail.com



sociedade cria e depois quer destruir para continuar a mesma” (PELLEGRINI, 2012, p. 47).

O romance *Quarenta Dias* de Maria Valéria Rezende narra a trajetória de vida de Alice, narradora-personagem que vivencia o processo de migração forçada da região do nordeste para o sul do Brasil, por motivo de conflito familiar, experimentando a desordem identitária causada pela perda das referências culturais, em decorrência da ausência da terra natal e da obrigatoriedade de sua permanência em espaços alheios e estranhos. Tal fato, como é apresentado ao longo da narrativa, acaba por conduzir a narradora-personagem à experiência da situação de rua.

Imersa em um processo de desconstrução da solidez de um modo de viver que de uma só vez foi deixado para trás, Alice vivencia a angústia do desterro em território nacional e experimenta o sentimento do exílio descrito por Edward Said (2003) como sendo “uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada” (SAID, 2003, p. 46).

No decorrer dos movimentos migratórios, os indivíduos passam a ocupar novos espaços construídos a partir da mistura de culturas diferentes, da hibridez. Para Stuart Hall (2003), numa forma sincrética, os elementos nunca estabelecem uma relação de igualdade, e sim, são sempre inscritos diferentemente pelas relações de poder. Dessa relação, quase sempre de subordinação e dependência, nascem os conflitos identitários e culturais do sujeito e das coletividades. No caso do objeto literário em foco, temos nas figuras de Alice e Norinha, elementos que simbolizam forças em conflito, duas vontades que se confrontam como em um campo de batalhas, como ilustra a passagem em que Alice diz: – “Que remédio senão obedecer? Eu já estava pegando o jeito de me comportar como filha da minha filha” (REZENDE, 2014, p. 74). Temos em Norinha - uma filha, que em função de interesses muito particulares, acaba pressionado e forçando sua mãe a se mudar de João Pessoa para Porto Alegre - um símbolo da violência gerada pela vontade de poder instituído no âmbito da relação familiar. Entra em ação, na microesfera social/familiar, o exercício da dominação em função de um interesse particular:

Você vai pra Porto Alegre, sim, e não se discute mais isso, todo mundo vê que é o melhor, é sua obrigação acompanhar sua filha única, só você é que não aceita [...] Eu cedi, vergonhosamente. Foi isso. O resto é consequência. (REZENDE, 2014, p.34)



Alice irá então viver o seu exílio, “um estado de ser descontínuo, separado das raízes, da terra natal, do passado” (SAID, 2003, p. 50). Como estratégia de resistência ao processo de dominação a que se viu submetida e frente a dor de ter tido sua vida recortada, Alice faz de seu esforço para encontrar Cícero Araújo – migrante, nordestino, levado por uma construtora para servir de mão de obra (barata) na construção civil, que desapareceu na capital gaúcha - um caminho para o desconhecido e para as imprevisibilidades que o envolve, e acaba por lançar-se, gradativamente, no submundo das ruas, não só dos subúrbios da cidade, mas nos subúrbios da própria existência humana:

Um rumo vago. Que eu seguiria se quisesse. Talvez tenha sido o nome estranho do lugar que me despertou da letargia. Talvez, tenha sido, sem que eu percebesse, a dor da outra mãe tomando o lugar da minha, um alívio esquisito, uma distração, e eu quis, sim, sair por aí, à toa, por ruas que não conheço atrás do rastro borrado de alguém que eu nunca vi. (REZENDE, 2014, p. 92).

Trata-se de uma narrativa sobre identidades que se perderam, e ao mesmo tempo, sobre identidades novas que se formam. Por tratar de perdas, trata também de procura, procura por si mesma, procura por pessoas que foram embora e nunca mais deram notícia, e principalmente, da procura por sentidos da existência humana que se perderam no âmbito dos interesses individualistas proeminentes nas sociedades que emergiram do capitalismo tardio. A esse respeito, Walter Benjamin (1987) em seu ensaio *Experiência e pobreza*, afirma que as experiências (acumuladas pelos homens e pelas coletividades ao longo da história) estão em baixa, na medida em que o processo de desenvolvimento desenfreado da técnica avança sobre a tradição, avança sobre a memória coletiva através da qual os indivíduos se constituem como seres sociais e de cultura. Recorro-me a crítica de Benjamin, visto que no momento em que a personagem Alice é levada a abandonar os objetos de sua história particular para adentrar o mundo novo que Norinha, sua filha lhe oferece, uma vitrine de objetos novos, sinônimos de modernidade invade o seu espaço de maneira a sufocá-la em sua natureza e em seus afetos. Nesse sentido a nova condição de Alice faz dela um ser humano empobrecido em experiências culturais e identitárias, pois, conforme o questionamento de Benjamin, “qual o valor de todo nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?” (BENJAMIN, 1987, p. 115).



A crítica anticapitalista que emerge do romance nos remete ao ensaio – *O capitalismo como religião*, em que Benjamin (2011) afirma que o capitalismo não é somente uma formação condicionada pela religião, mas sim um fenômeno essencialmente religioso, apontando traços da estrutura religiosa presentes no capitalismo. A inserção da crítica de Benjamin ao capitalismo no âmbito desta análise, se faz em razão da condição em que a narradora-personagem se encontra, pois esta, ao ser chamada a seguir “o rebanho”, o nega, e reluta por seguir na contramão, e diante da esmagadora força dos fiéis, acaba sendo lançada no limbo do sistema, simbolizado na obra pela vida invisibilizada e esquecida da população miserável em situação de rua, posta de frente ao requinte das mercadorias e das confortáveis facilidades oferecidas pelo mercado àqueles que podem pagar isso.

Alice (a narradora-personagem) perdida dentro do novo apartamento preparado e oferecido a ela pela filha (que, posteriormente a abandona), e esvaziada de si mesma, acaba por lançar-se no espaço da ausência de posses, representado na obra pelo espaço da rua e por aqueles que nela se encontram. Desta maneira Alice vivencia sua transformação gradativa em habitante das ruas de Porto Alegre:

Esmoreci de vez, sem banho, sem comida, rasgada, desmantelada, deixei-me cair em mais um banco, indiferente aos olhares, se é que alguém me via, cochilei e acordei mil vezes, saí pra rua tocada pela fome, a esmo, coragem nenhuma de pedir nas portas, de remexer no lixo, vendi no sebo meus livros novos de 1,99 pela quantia suficiente para três cachorros-quentes, bebi água da torneira, mendigada em balcões de bares. Já não tinha mais nada a perder. (REZENDE, 2014, p. 244)

No contexto deste objeto de análise, o espaço distópico da rua pode ser compreendido como uma espécie de “entre-lugar” (SANTIAGO, 2000), uma “zona de contato” (PRATT, 1999) criada pela descentralidade e descontinuidade, onde identidades novas são produzidas em função dos movimentos e do fluxo de pessoas. Trata-se de um espaço intersticial (BHABHA, 1998) definidor dos locais de heterogeneidades, de hibridez, da mistura de culturas distintas, e que portanto, destoa do ideal de homogeneidade e pureza defendido pela tradição dominante. Essas zonas de contato definem os espaços sociais em que culturas díspares (neste caso, as ruas) se encontram, se chocam, se entrelaçam frequentemente em relações assimétricas de poder. O que quero



dizer é que as pessoas que se encontram em situação de rua não nasceram lá, elas chegaram lá, e por motivos diversos foram se hibridizando, passaram por mudanças, vivenciaram conflitos identitários, sofreram transformações semelhantes às vividas e narradas por Alice. E assim passaram a constituir-se o corpo (anti) social definido por sua heterogeneidade, ou seja, a parte que destoa do cenário homogêneo que se quer comum, compartilhado apenas por pessoas iguais, aceitas por identificação social. Logo, qualquer elemento identitário (social, cultural, étnico ou de gênero), que se apresente como ameaça à suposta homogeneidade dos espaços sociais, é imediatamente ofuscado, quando não, totalmente banido pelos organismos reguladores (mídia, igreja, família, escola, polícia) que operam a favor do poder hegemônico:

Fiquei agora modorrando, deitada no chão, à beira de um caminho por onde passava muita gente, gente apumada que faz sua saudável caminhada todas as manhãs [...] e eu ali, ao rés do chão, observando apenas os pés, os calçados, passos, ritmos, tratando de identificar por eles as identidades, os sentimentos, a vida... Pelos pés... (REZENDE, 2014, p. 165)

Observa-se no fragmento acima a condição marginalizada, ainda que de modo estereotipado, do sujeito excluído que se encontra em situação de rua, aquele a quem o direito não só a moradia digna é negado, mas o direito a ser considerado cidadão e parte integrante da nação. De acordo com Homi Bhabha (1998), a própria ideia de nação é construída discursivamente, de modo que a identidade nacional é construída a partir desta lógica de superação de toda diferença capaz de perturbar a homogeneidade que se deseja instaurada nos territórios. A esse caráter supostamente homogêneo das nações, Benedict Anderson (2005) atribuiu a denominação de “comunidades imaginadas”, argumentando que no século XIX a palavra impressa ajudou na consolidação desse tipo de comunidade fazendo circular informações e ideias oriundas de substratos sociais e culturais diversos, criando a falsa impressão de que todos os indivíduos se encontravam igualmente inseridos nas sociedades, de modo que passavam a se imaginar parte de um mesmo todo. Porém, a suposta homogeneidade se desestabiliza no momento em que se percebe que o diferente é empurrado para fora dos eixos centrais das sociedades, resultando no apagamento da alteridade e no silenciamento das minorias.



Evidencia-se assim, um lado obscuro e perverso das sociedades modernas que silenciam as vozes e apagam as imagens daqueles que por razões sociais são considerados sempre como fora de lugar, para que possa ser mantida a aparente coesão das comunidades imaginadas. Todavia, a heterogeneidade persiste como em um campo de batalhas onde indivíduos e grupos excluídos resistem na luta pelo legítimo direito de existir, como podemos observar neste fragmento:

Continuei por semanas minha romaria pelo avesso da cidade, explorando livremente todas as brechas, quase invisíveis para quem vive na superfície, pra cá e pra lá, às vezes à tona e de novo pro fundo, rodoviária, vilas, sebos e briques, alojamentos, pronto-socorro, portas de igrejas, de terreiros de candomblés, procurando meus iguais, por baixo dos viadutos, das pontes do arroio Dilúvio, nas madrugadas, sobrevivente, sesteando nas praças e jardins, debaixo dos arcos e marquises, sob as cobertas das paradas de ônibus, vendo o mundo de baixo pra cima, dos passantes apenas os pés. (Idem, p. 235)

Para Bhabha (1998), os entre-lugares da cultura possibilitam o surgimento de diferentes formas de pensamento e de expressão híbridas, e contém diferentes elementos culturais, étnicos e políticos que podem desafiar o discurso dominante fazendo surgir a negação subversiva do discurso que representa o poder hegemônico. Para este autor, o hibridismo é uma forma altamente eficaz de oposição subversiva ao discurso hegemônico. Nesse sentido percebe-se que a possibilidade (ou a ameaça) de desestabilização da unidade homogênea pode se dar a partir exatamente da constatação da heterogeneidade, no sentido de sua aceitação e, conseqüentemente de seu fortalecimento. Por esta razão, as minorias são silenciadas, a fim de que o discurso a favor da homogeneidade prevaleça.

São essas minorias silenciadas que surgem no universo literário de Maria Valéria Rezende, conduzindo o leitor a questionar as formas de ser e de estar neste tempo presente. Ao se lançar livre, solitária e desprovida de bens materiais pelo submundo das ruas de Porto Alegre, Alice se liberta de toda a sua experiência do passado, e pobre, separada do seu patrimônio humano deixado na Paraíba, recebe em troca o “novo” com sua moeda miúda do “atual” (BENJAMIN, 1987, p. 119), que costuma ser paga à parcela excedente do moderno, às sobras que ficaram de fora e que passaram a constituir os grupos subalternizados, os restos humanos que escaparam ao projeto de modernização.



Em sua interpretação do *Angelus novus* de Paul Klee, Benjamin apresenta sua crença na impossibilidade do humano intervir naquilo que a sociedade moderna considera ser a noção de progresso, prova disso é a condição em que a narradora personagem do romance viu-se colocada em função desse tipo de crença, simbolizado na obra pela ideia de mudança e de uma vida futura nova, desligada da experiência acumulada de seu passado. Neste espaço alegórico formulado por Benjamin, o progresso, ao contrário do que a humanidade sonhou, passa a ser associado a atos nefastos e de dominação, semelhantes aos apresentados pelo objeto literário que por ora analisamos aqui.

Nesse sentido, entendemos Alice como uma personagem que sofreu a experiência opressora, forçada a tomar uma atitude que não era de sua vontade, e em função deste sofrimento sente o desejo de afastar-se do lugar e do momento no qual se encontra, e como o *Angelus novus*, mantém-se voltada para o passado, percebendo o seu presente como um acúmulo de ruínas. Assim, diante da força da tempestade que mantém suas asas abertas, assim como o *Angelus*, ela é impelida na direção do futuro, perdida em meio a todos os escombros que a envolve nas ruínas de seu tempo.

III - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo. Cia das Letras, 2008
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.
- BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: *Magia e técnica, arte e política*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987
- _____. *O capitalismo como religião*. Revista Garrafa, 2011. Disponível em <http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/garrafa/garrafa23/janderdemelocapitalismocomo.pdf>
Acesso: 27/09/2016
- HALL, Stuart. *Da diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Trad. de Jézio Hernani Bonfim Guerra. Bauru: Ed. da Universidade do Sagrado Coração, 1999.
- PELLEGRINI, Tânia. *Realismo: modo de usar*. Estud. Lit. Bras. Contemp. no.39 Brasília Jan./Jun 2012.
- REZENDE, Maria Valéria. *Quarenta Dias*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.



SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.